

## OS EFEITOS DE SENTIDO E AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO SOBRE A MULHER NO JORNAL *O MENTOR DAS BRASILEIRAS*

THE EFFECTS OF SENSE AND THE PRODUCTION CONDITIONS OF THE DISCOURSE ABOUT WOMAN IN THE NEWSPAPER *O MENTOR DAS BRASILEIRAS*

Ana Maria de Fátima Leme Tarini<sup>1</sup>

**RESUMO:** Mais do que entender um discurso, é preciso analisá-lo para, então, buscar compreender como este discurso foi constituído e quais efeitos de sentido ele produz. *O Mentor das Brasileiras*, de São João Del Rei - nosso objeto de estudo neste artigo -, desde seu anúncio, em 1829, propôs-se a ser como o próprio nome do jornal mostra, um Mentor; um jornal que guie, aconselhe as mulheres à inserção na vida política e moral do país, mas sem esquecer-se da família e de seus deveres. Para fundamentação deste estudo, tomam-se como essência os estudos de Michel Pêcheux e de Eni Orlandi, na Análise de Discurso francesa (AD), buscando compreender o discurso do periódico mineiro em suas condições de produção no século XIX. Entendendo que a memória social nos conduz a uma memória discursiva que formula os discursos já instituídos, fazendo emergir o contexto histórico social-ideológico de enunciador e enunciado. Além disso, faz-se necessário estabelecer o papel do analista no processo de compreensão do objeto de estudo, pois segundo Orlandi (2008), o sujeito tem seu corpo atado ao corpo dos sentidos; sujeito e sentidos tem sua corporalidade, constituídos no encontro da materialidade da língua e da história. Nesta perspectiva, enunciador e analista dão corpo aos sentidos de três recortes do periódico semanal: a) o anúncio no jornal *O Astro de Minas* a respeito do lançamento do *Mentor das Brasileiras*, b) a edição nº 1 e c) nº 10 do *Mentor das Brasileiras*.

**PALAVRAS-CHAVE:** discurso feminino; discurso pedagógico; memória.

**ABSTRACT:** More than understanding a speech, we need to analyse it to then seek to understand how this discourse was made and what direction effects it produces. *O Mentor das Brasileiras* from Sao Joao del Rei - our object of study in this article - since its announcement in 1829, was proposed to be like the newspaper's name itself shows, a Mentor, a newspaper to guide, advise women about the inclusion in the political and moral life of the country, but without forgetting the family and their obligations. For rationale of this study are taken as the essence of the studies Pêcheux and Eni Orlandi, at the French Discourse Analysis (DA), trying to understand the speech of the journal from Minas Gerais in its production conditions in the nineteenth century. Understanding that social memory leads to a discursive memory that formulates the speeches already in place, giving rise to the sociohistorical context of ideological and enunciator statement. In addition, it is necessary to establish the role of the analyst in the process of understanding the subject matter, because according to Orlandi (2008), the subject has his body tied to the body of the senses; subject and senses have their corporeality, made at the meeting of the materiality of language and history. In this

---

<sup>1</sup> Docente do Instituto Federal do Paraná (IFPR), doutoranda em Letras, pela UNIOESTE-Cascavel. Orientador: João Carlos Cattelan. Contato: anamarialeme@hotmail.com

perspective, enunciator and analyst embody to the senses three cutouts of the weekly newsletter: a) the ad in the *Astro de Minas* newspaper talking about the first *O Mentor das Brasileiras* edition, b) the No. 1 edition and c) No.10 edition of the *O Mentor das Brasileiras*.

**KEYWORDS:** female discourse; pedagogical discourse; memory.

## INTRODUÇÃO

*“Não há uma só frase, um só discurso, uma única conversa, que não traga a marca da posição do sujeito quanto ao que ele diz”. (Jacques-Alain Miller, Lacan elucidado)*

“Tornem-se estimáveis por vossa sabedoria, e vossos costumes”<sup>2</sup>. Este era o *slogan* do Jornal *O Mentor das Brasileiras*, do século XIX, o qual se propunha a alertar os cidadãos a respeito da importância da participação social e política feminina, além de mostrar que havia necessidade das mulheres tornarem-se mais sábias, mas manterem os bons costumes. Diante desta necessidade surgiu esse periódico que circulou entre 1829 e 1832, publicado em São João Del-Rei – Minas Gerais. Era escrito por homens jornalistas, mas dirigido ao público feminino e afirmava-se, conforme Jinzenjii (2010), como um grande defensor e difusor dos ideais mais liberais e modernos da época, discurso demonstrado de maneira didático-pedagógico para ser facilmente compreendido pelas senhoras.

*O Mentor das Brasileiras*<sup>3</sup> era impresso na mesma tipografia do jornal *Astro de Minas*, da mesma cidade mineira. De acordo com a pesquisa de Jinzenjii (2010), alguns dos redatores poderiam ser mesmos nos dois periódicos, entretanto não se pode afirmar exatamente a identificação de todos, o que se sabe é que José Alcibíades Carneiro era um dos redatores. Além de ser professor de latim, advogado e ter ocupado cargos políticos no município são-joanense, o professor era um liberal moderado<sup>4</sup>; era um dentre os vários representantes das elites intelectuais e políticas que buscavam expressar e difundir seus ideais por meio da imprensa. Neste caso, dirigia-se diretamente às senhoras brasileiras da classe

<sup>2</sup> *Slogan* escrito em francês, originalmente, “*Rendez-vous estimables par votre sagesse et vos moeurs*”, aparece nas edições do periódico.

<sup>3</sup> Conforme: [http://cultura.mg.gov.br/files/Arquivo\\_publico/rapm6.pdf](http://cultura.mg.gov.br/files/Arquivo_publico/rapm6.pdf). Acesso em: 12 de fev. 2014

<sup>4</sup> Popularmente designados como “chimangos”, os liberais moderados não simpatizavam com o regime absolutista e contavam com a presença de aristocratas da porção centro sul do país. Apesar de não concordarem com o absolutismo, defendiam a manutenção de um regime monárquico capaz de defender os interesses da elite agroexportadora do país. Buscavam equilibrar o aumento das funções do Poder Legislativo com uma autoridade monárquica que se mostrasse compromissada com as elites nacionais. In: <http://www.brasilescola.com/historiab/os-partidos-periodo-regencial.htm>.

média visando doutriná-las, mas conforme Jinzenjii (2010), também tinha como interlocutores os demais grupos políticos e os outros periódicos que circulavam na época, em Minas Gerais e no Rio de Janeiro.

Em 1829, a publicação da edição número 1 do jornal *O Mentor das brasileiras* foi anunciada com entusiasmo pelos editores do *Astro de Minas*, recorte a):

Brevemente se publicara nesta Villa hum novo periodico dedicado as Sras Brasileiras. Seos Redactores desejosos de concorrer para a instrucção do bello sexo, procurarão materiais apropriados a tal fim: artigos os mais simple de politica, literatura, poesia, extractos de historia, e noticias serão a materia desta interessante folha. Publicar-se-ha por ora huma por semana (n. 316, 26/11/1829, p. 4).

Por este recorte nota-se que a partir daquele momento haveria publicação semanal de um jornal especificamente para o *bello sexo* (sexo feminino) e o tipo de matéria que trariam nele eram artigos sobre política, literatura, recortes de histórias, etc., mas “traduzidos” em uma linguagem mais simples, pois no imaginário dos redatores do jornal as mulheres brasileiras não tinham condições intelectuais para compreender discursos mais elaborados. Ressalta-se que, embora o jornal tivesse essa visão das mulheres desta época, parecia empenhado em contribuir com a educação da mulher nos campos: moral, político e instrutivo. Tanto que, *O Mentor das Brasileiras* surgiu, segundo o redator, para “eliminar a ignorância que reinava entre o *bello sexo*, considerado a ‘parte mais influente da sociedade’. Entendia-se que a mulher, nos papéis de esposa e mãe, era a responsável pela harmonia familiar e pela educação dos cidadãos para servir à pátria”<sup>5</sup>.

O discurso pedagógico desse periódico nos remete, nesse anúncio inicial, e em recortes em periódicos posteriores, ao entendimento de que o jornal mantinha uma posição social conservadora a qual não poderíamos chamar de machista, haja vista uma necessidade de deslocamento temporal (para o século XXI). Naquelas condições de produção poder-se-ia entendê-lo como patriarcal.

Nessa época, devido a pouca escolarização feminina e aos hábitos impostos às mulheres, os homens acreditavam que elas (homogeneamente) não eram capazes de compreender a complexidade das discussões históricas, políticas, sociais e, por isso,

<sup>5</sup> Informações mais completas sobre o jornalismo e seus redatores neste período encontram-se neste site com arquivos valiosos e bastante precisos. Disponível em: [http://www.cultura.mg.gov.br/files/Arquivo\\_publico/rapm6.pdf](http://www.cultura.mg.gov.br/files/Arquivo_publico/rapm6.pdf), p.79/81. Acesso em: 10 mar 2014 .

fragmentos de história poderiam conduzi-las a alguma reflexão. Segundo este discurso, o jornal tinha, então, um dever: educar as mulheres. Era um dever dos meios de comunicação funcionar como instrumento pedagógico (não somente para mulheres).

Esses processos de produção de discurso, conforme Orlandi (2008), implicam três momentos: constituição, formulação e circulação. Num momento inicial, a produção do discurso passa pela sua constituição, processo no qual se busca na memória histórico-ideológica os ditos arquivados, sempre já-ditos. Num segundo momento, a formulação se dá num contexto de produção, depende das condições específicas de produção da enunciação, do quem, o que, onde foi produzido o discurso, e por último, leva-se em consideração a conjuntura (quando, para quem, por que) do discurso em sua circulação; as condições materiais que o discurso do Mentor encontrou para ter aceitação entre os/as brasileiros/brasileiras no século XIX.

Embora esta análise se preocupe essencialmente com estes três pontos de reflexão a respeito da produção e funcionamento do discurso, não se exclui o entendimento de que o analista deve observar a materialidade discursiva em que ele (analista) também está inserido. Tanto o enunciador do discurso quanto o enunciador-pesquisador mostram as marcas de suas posições-sujeito<sup>6</sup>, apesar da tentativa do pesquisador apagar suas marcas (o eu) o tempo todo para não por em dúvida o rigor do trabalho.

Os efeitos de sentido - que talvez hoje nos faz produzir críticas avassaladoras - são provocados pelo recorte sincrônico que se faz de um discurso para sua análise. Sendo assim, o ato de ler o arquivo, não deve desconsiderar a memória coletiva presente na memória discursiva e as condições de produção da materialidade discursiva, estes devem ser a base para esta análise, muitas vezes o ponto de partida.

## CONSTITUIÇÃO, FORMULAÇÃO E CIRCULAÇÃO: ANÁLISE DO DISCURSO DO *BELLO SEXO*

*Belo sexo* é um termo em desuso, refere-se às mulheres, significa, conforme as ideias do filósofo Kant, em “Observações sobre o sentido do belo e do sublime”: honestidade, beleza, ter sentimentos piedosos, dotados de bondade, de solicitude, simplicidade e

---

<sup>6</sup> Pêcheux (2009) chama de posição-sujeito a relação de identificação entre o sujeito enunciador e o sujeito do saber (forma-sujeito), ou seja, o sujeito que fala e o sujeito da interpelação, identificação e produção de sentido. Assim, o sentido só se produz pela relação do sujeito com a forma-sujeito.

ingenuidade. As mulheres que possuíam tudo isso eram benevolentes, respeitosas, tinham nobreza de espírito, portanto sem malícias ou atos considerados desagradáveis, imorais.

Além da expressão “belo sexo”, o jornal também se apropria do termo “senhoras”, como senhoras brasileiras ao se referir às mulheres, demonstrando educação e respeito para com as leitoras, as quais deveriam agir como tal. Senhora, naqueles tempos era a dona da casa em relação aos criados, a esposa possuidora de um lar, era um título de cortesia que mostrava o *status* de casada (e as mais bonitas e prendadas é que casavam), também era (ainda é) usado para tratar a mãe de Jesus, a “nossa senhora”, portanto um vocativo que representa alguém santificado. Todavia, poucos optam pelo uso atualmente, pois esta forma de tratamento está sendo considerada muito formal e tipicamente empregada para mulheres idosas, com as quais a maioria não quer se identificar, assim, perdeu o *status*.

Nos dois casos, o que chama a atenção são as denominações que, conforme Mariani (1998), criam sítios de significância para o que seria um belo sexo e uma senhora e, com isso, o apagamento da palavra mulher no decorrer do discurso. Por que não se faz uso desta palavra? O que leva os redatores a escolha de outros termos? Nos recortes do *corpus* temos sempre o “Bello Sexo” e as “Senhoras”, como termos referentes ao sexo feminino, não mulheres, conforme se lê no recorte b), a seguir.

As senhoras pelos deveres, que lhe são inherentes fazem o fundamento principal da sociedade humana, e por isso são dignas de uma instrução mais sólida, e capaz de promover o bem geral de huma Nação. He pois para dar maior expansão ao gênio, que tanto se desenvolve nesta alma da sociedade [...] que tomamos a árdua, mas interessante tarefa de redigir esta folha, dedicada somente às estudiosas Brasileiras, que algum dia serão collocadas à par, e talvez acima das heroínas tão celebradas nas outras Nações civilizadas. (*O MENTOR DAS BRASILEIRAS*. São João del Rei, 30/11/1829, nº 1.)

Observa-se que o termo mulher, em português, vem do latim *mulier - eris*. Não se sabe ao certo, e os dicionários etimológicos não se dedicaram muito a isso, mas as hipóteses de explicação do surgimento desta palavra estariam relacionadas a outras palavras latinas: *mulgere (verbo)* significa "ordenhar", e *mulcere (verbo)* "apalpar", "acariciar", "lamber"<sup>7</sup>.

A escolha dos redatores (principalmente do professor de latim) muito se deve a isto, ou seja, aos possíveis significados da palavra mulher<sup>8</sup>. Como se a palavra carregasse (nesta

<sup>7</sup> Perissé, em **Palavras e origens**. Disponível em: <http://palavraseorigens.blogspot.com.br/2011/03/mulher-etimologica.html>. Acesso em: 20 de jun. 2014.

<sup>8</sup> Definições pejorativas disponíveis em <http://dicionario.cijun.sp.gov.br/houaiss/cgi-bin/houaissnetb.dll/frame>

maneira de ler) um significado inadequado ao tratamento e a importância que o jornal queria dar às brasileiras naquele momento. O problema da significação, já abordado por Bakhtin, em *Marxismo e filosofia da linguagem*, está na compreensão que os interlocutores designam a algo, pois “a significação não está na palavra, nem na alma do falante, assim como não está na alma do interlocutor”(BAKHTIN, 1995, p. 132), está na materialidade da enunciação. Portanto, o espírito tão elevado, das “estudiosas brasileiras”, não poderia ser resumido na palavra mulher. Bem como, o fato de ser o pilar da sociedade “*fundamento principal da sociedade humana*”, como dito, também não caberia. Queriam que as mulheres brasileiras tivessem feitos grandiosos como as heroínas de outros países.

A construção discursiva sem a palavra mulher, talvez possa ser explicada se considerarmos essa proximidade de *mulier* com as palavras *mulgere* e *mulcere* (algo vulgar, fútil, carnal), citadas anteriormente, haja vista a pretensão de o jornal querer dar o devido valor e espaço ao sexo feminino. Bakhtin (1995) afirma que “o essencial na tarefa de descodificação não consiste em reconhecer a forma utilizada, mas compreendê-la num contexto preciso, compreender sua significação numa enunciação particular” (BAKHTIN, 1995, p.93), pois as palavras em si são neutras, elas significam na história e na língua.

Assim, nesta materialidade discursiva, *bello sexo* e *senhoras brasileiras* são termos impregnados da moral de ser senhora/educadora/esposa responsável pela harmonia do lar. Como dito, com deveres “inerentes” a senhora. Não se trata de equiparação de papéis, igualdade de direitos e funções, mas de dar algum valor, dentro de certos limites, pois não poderia descuidar das obrigações femininas, dos cuidados do lar; conforme o *slogan* do jornal: *tornem se estimáveis por vossa sabedoria e vossos costumes*.

Era missão do jornal guiá-la em seus deveres com a nação. A opção pela construção sintática com verbos no futuro demonstra as pretensões, as ações futuras do jornal, bem como os resultados que deseja atingir, como a melhoria do “gênio” e a ascensão de espírito das senhoras. Observa-se que, além disso, o jornal tem claro que as mudanças são em longo prazo, pois a tarefa é denominada “árdua”, mas que haverá um retorno deste empenho educativo para o país, o que se pode notar pelo uso de verbos no futuro.

Sob esta perspectiva do discurso, era necessário educá-la adequadamente, para o bem geral da nação, ou melhor, da sociedade dominada por homens. Embora os liberais acreditassem na reforma das instituições, não propunham (como se lê no recorte) revoluções

ou rompimentos bruscos com a tradição. Mesmo buscando a transposição de um governo absolutista a um representativo. Neste sentido, o discurso do jornal sobre as mulheres parece ser homogêneo e hegemônico (conforme o jornal, as mulheres são ignorantes e os sábios homens jornalistas serão os mentores para uma transposição).

A iniciativa do grupo político de liberais que comandavam o jornal era de educar as mulheres e, de acordo com esse discurso, foi uma tentativa de superar uma “visão retrógrada”, herdada do antigo regime monárquico que mantinha a estagnação intelectual da população para facilitar sua submissão ao governo. Atualmente (deslocados deste período), sabemos que as mulheres foram as mais prejudicadas num regime em que a hierarquia posicionava o homem em submissão ao governo e a mulher em submissão ao homem, pois não participava da vida pública, não tinha voz ativa nem nos lares. Mulheres somente apareciam em ambientes públicos acompanhadas do pai, irmão mais velho ou marido. Mas os ideais liberais presentes no discurso educativo do jornal que toma o ensinar mulheres como uma árdua tarefa apenas reforçaram as diferenças entre homens e mulheres, naturalizando-as.

Esse discurso do imprescindível papel educador e inovador que o jornal teria, retoma na memória discursiva (interdiscurso) o entendimento de uma memória coletiva, do “que é vivo na consciência do grupo para o indivíduo e para a comunidade” (DAVALLON, 2010, p.25), ou seja, a inferioridade feminina, a futilidade, a falta de conhecimento e de interesse pela vida pública.

Neste sentido, a memória presente no discurso do *Mentor* institui e reinstitui os padrões sociais coletivos, como se lê nesta continuação do recorte b) do jornal, o qual aborda as pretensões para o futuro:

Este novo Periódico não tem outro maior merecimento que abrir o caminho para os mais habéis escriptores, que gratos aos benefícios que de suas maos receberao hajao de pagar á posteridade com os fructos de sua instrucção: apresentaremos por tanto ao bello sexo as noticias, e novidades dignas de sua attenção, e algumas vezes nos serà indispensável dar algumas lições sobre politica, persuadidos de que este sexo he bem capaz de conceber idéas sublimes, e de dar hum realce nao pequeno á marcha, e bom andamento do Systema de Governo que nos rege (...) Nao deixaremos igualmente de apresentar extractos de algumas obras, que se dirijao á hum fim moral nas suas narrações interessantes. Transcreveremos alguma parte da Historia principalmente a modern onde encontrarmos exemplos dignos de imitação, com especialidade as açoes virtuosas que tiverem praticado algumas heroínas, acompanhando á estes factos necessárias reflexoes. As bellas artes, que possão entreter proveitosamente a attenção das Senhoras, e que sejam capazes de bem lhes dirigir as potencias intellectuaes, terao nao poucas vezes o lugar na nossa folha; mas não nos faremos cargo de huma instrucção

profunda, que tornaria fastidiosa a leitura, e cançaria o espírito que procura o útil de mistura com o agradável. Será hum de nossos principaes cuidados descrever o estado actual deste sexo amavel nao so em quanto a sua educação moral, se nao tambem em quanto às modas, e enfeites, com que se adorna (...) Mas conhecendo, que nos faltao muitos dados para o bem desempenharmos esta tao nobre tarefa, rogamos a nossos patrícios nos queirao coadjuvar com suas locubrações, e com especialidade convidamos as Senhoras para que nos dirijao os seus ensaios de literatura, que contenhao matéria importante por sua natureza, ficando certas de nosso inviolavel segredo quando assim o exigiao (...) limitamo-nos unicamente a dar succintas noticias do que se passar (e for interessante) nos Tribunaes, nas Assembléas, e nos Gabinetes Nacionaes(...) (O MENTOR DAS BRASILEIRAS, n. 1, 30/11/1829, p. 2-4).

Ao mesmo tempo em que o jornal afirma o desconhecimento das mulheres ao relatar a necessidade de selecionar o que as elas precisam saber e entender, há um leve reconhecimento de que há diferentes mulheres quando ele convida as senhoras (as poucas alfabetizadas) a participar do jornal escrevendo algum ensaio, críticas, comentários literários dos quais a autoria seria mantida em segredo. Neste aspecto, o discurso passa a parecer heterogêneo e as mulheres também. Há uma tensão entre unidade/diferença, mesmo/outro, heterogeneidade, o que para Furlanetto (2003, p. 95) é a formação discursiva (doravante FD)<sup>9</sup> que reflete essa tensão entre uma coisa e outra. E a FD é a consequência discursiva da forma-sujeito (entendendo a forma-sujeito como o posicionamento do sujeito, como efeito da articulação entre o sujeito pré-construído, epistêmico, universal e o sujeito que se articula no processo de produção do discurso).

Mesmo com a tensão no processo de produção discursiva, a memória que “vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos)” (PÊCHEUX, 2010, p. 52), reforça os já explícitos, as diferenças dos sexos, a tal ponto que o sexo masculino se reconhece imbuído do direito e/ou dever de selecionar o que o sexo feminino pode e precisa ler/saber em: “*apresentaremos por tanto ao bello sexo as noticias, e novidades dignas de sua attenção*”. O que se questiona é o que seria digno de atenção das mulheres? Quem determinaria isso era a sociedade através do jornal na tessitura da materialidade discursiva. Os redatores homens (ou não), por meio da ideologia, propõem um discurso, consciente ou não, de defesa da instrução feminina.

A imprensa cumpriu (e cumpre) um papel, ou melhor, ocupa um espaço educacional naquela sociedade. Tanto que, em seguida, se vê a afirmação de que “*algumas vezes nos serà*

<sup>9</sup> Entendo que uma formação discursiva corresponde ao que pode e deve ser dito a partir de um lugar determinado, em uma conjuntura determinada, conforme Pêcheux (2010).

*indispensável dar algumas lições sobre política*”, isto porque outros órgãos não as dão (não deram), todavia está claro no discurso que o periódico não visava uma instrução profunda, uma formação mais completa às mulheres, apenas instruções que melhorassem o intelecto e a responsabilidade social. E para entretenimento estabeleceram que os recortes postos à leitura e ao apreço das senhoras teriam o objetivo de manutenção da sociedade patriarcal. Neste encadeamento das ideias a respeito dos próximos números fica explicitado pontualmente, no emaranhado discursivo, o que o jornal visava. Mariani (2006, p. 22) acredita que os jornais constroem discursos utilitários ao abordar questões de psicanálise, fazendo uso de palavras *prêt-a-porter* que funcionam ilusoriamente na constituição de subjetividade. No *O Mentor das Brasileiras*, eles também constroem discursos úteis, embora não tratem de questões psíquicas e sim pedagógicas, mas funcionam na constituição de subjetividades femininas.

É nesta materialidade discursiva que se pode observar o discurso e suas condições de produção “pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição de sujeitos e produção de sentidos” (ORLANDI, 2005, p. 21). Sujeitos assujeitados numa relação de poder que põe em questão as diferenças na sociedade representada pelo periódico.

Entretanto, no esquecimento da constituição da memória ideológica a respeito do papel das mulheres, - o esquecimento da ordem do inconsciente, o número 1, conforme teoria de Pecheux (2009) -, mulheres acreditaram estar sendo valorizadas com um jornal somente para elas e homens sentiam-se cumprindo um papel libertador, de vanguarda na história. Iludidos (tanto homens quanto mulheres) pensam ser a origem do dito, mas apenas retomam sentidos pré-existentes.

O que justifica o fato do periódico trazer instruções que abrangiam também a educação moral, uma moral constituída pela manutenção dos costumes e tradições (da obrigação da virgindade para as solteiras, à da família para as casadas). Escreveram que destacariam trechos os quais demonstrassem “*as ações virtuosas que tiverem praticado algumas heroínas*” (de um passado distante), visando conduzir as leitoras à reflexão sobre suas próprias ações. Mais uma vez o jornal mostra que possui um discurso útil para constituição da subjetividade feminina, da mulher do padrão aceito pela sociedade da época. Cumpriram a promessa em edições posteriores, nas quais apresentavam várias fábulas e histórias da mitologia, parafraseando-as, com objetivo educativo e moralizante. Não só neste trecho, mas no decorrer do discurso, o jornal afirma que dará *lições, instruções*, fará aproveitamento do tempo para o ensino das senhoras. Mas à guisa de compreensão, devemos

observar quais são as condições reais de existência destes discursos sobre as mulheres neste período, pois “ ‘as condições reais de existência’, são ‘distribuídas’ pelas relações de produção econômicas, com os diferentes tipos de contradições políticas e ideológicas resultantes dessas relações” (PÊCHEUX, 2009, p. 74).

Nas formulações selecionadas do periódico n.1, encontra-se também uma solicitação de ajuda para os redatores: “*convidamos as Senhoras para que nos dirijao os seus ensaios de literatura, que contenhao matéria importante por sua natureza, ficando certas de nosso inviolavel segredo quando assim o exigiao (...)*”. O jornal se comprometia em guardar segredo com relação à autoria dos ensaios, já que as famílias não permitiriam que suas esposas e filhas ficassem expostas ao público, fossem comentadas. “Mulheres públicas” são definidas como meretrizes nos dicionários. Basta unir a definição de mulher (mulcere – acariciar, apalpar, lamber) à ideia de público (que é de todos) para se perceber o que preocupava a sociedade patriarcal.

Sob este viés da imagem da mulher na memória desta sociedade, Davallon (2010) esclarece que a imagem é reconstruída a partir de dados e de noções que sejam comuns a nós e aos outros, passando daquele a este sem cessar, sendo reconhecida e reconstruída num *continuum*. Orlandi (2007, p. 70) reconhece que em muitos discursos há uma repetição histórica, aquela “que inscreve o dizível enquanto memória constitutiva, saber discursivo, em uma palavra: interdiscurso. Este, a memória (rede de filiações), que faz a língua significar. É assim que sentido, memória e história se intrincam na noção de interdiscurso”.

Em outro trecho, percebe-se que, para os redatores, a ausência de informações sobre modas e “enfeites”, seria um “crime” contra as senhoras caprichosas e poderia tornar o material enfadonho, por isso afirmam: “*não nos faremos cargo de huma instrucção profunda, que tornaria fastidiosa a leitura*”. O fragmento demonstra que há uma relação de proximidade entre enunciador e interlocutor, há cumplicidade, e que se preocupavam em cativar as senhoras como leitoras, prometendo não chateá-las, unindo o útil ao agradável.

O *bello sexo* precisaria estar informado sobre moda e beleza, não somente mais um cuidado para com elas, mas um dos principais cuidados. “*Será hum de nossos principaes cuidados descrever o estado actual deste sexo amavel nao so em quanto a sua educação moral, se nao tambem em quanto às modas, e enfeites, com que se adornao (...)*”. A mulher imaginada como interlocutora do jornal deveria ter boa educação e alguma informação sobre política, mas também deveria ser bonita, arrumada, conhecer a moda. Para tanto, o jornal se encarregaria de descrever a situação atual das mulheres no começo do século XIX.

Embora o periódico demonstre que a preocupação com a beleza (efêmera por natureza) não será foco das matérias - pois como dito anteriormente, as mulheres deveriam se tornar estimáveis por outros atributos -, apresenta, no seu número 10, recorte c), um ideal feminino. Este ideal de beleza defendido pelo jornal compreendia trinta qualidades redigidas em 10 itens avaliadas no visual, na aparência:

Três cousas brancas: a pele, os dentes, e as mãos.  
 Três pretas: os olhos, as pestanas, e as sobrancelhas.  
 Três vermelhas: os beiços, as faces, e as unhas.  
 Três longas: o corpo, as mãos, e os cabellos.  
 Três curtas: os dentes, as orelhas, e os pes.  
 Três largas: o peito, a testa, e a palpebras dos olhos.  
 Três estreitas: a boca, a cintura, e a planta do PE.  
 Três grossas: os braços, as nadegas, e a barriga das pernas.  
 Três finas: os dedos, os cabellos, e os beiços.  
 Três pequenas: os seios, o nariz, e a cabeça.  
 (O MENTOR DAS BRASILEIRAS. São João del Rei, 10/01/1830, nº 10).

O *bello sexo* tem padrão (são trinta itens), geometricamente e cromaticamente estabelecidos pela visão masculina (o que era possível para a época). Detalhadamente descrito em cores e medidas. Deve ser da cor branca, pois preto só: olhos, pestanas e sobrancelhas (a pele não); deveria ter faces vermelhas, beiços finos (visto que os grossos eram das negras). Estes trinta itens também sugerem classe social: mãos brancas, longas com unhas pintadas de vermelho e faces vermelhas. Então, mulheres de outras etnias, como as negras, não eram consideradas belas. Trabalhadoras braçais, bronzeadas pelo sol que pigmenta ou escurece as faces rosadas, não eram vistas como belas, não participavam do grupo do *Bello Sexo*, silenciado nestas características que padronizavam a beleza feminina. Os efeitos de sentido que geram demonstra de que sociedade nós tratamos, que posições ideológicas ocupavam.

Pode parecer que o periódico possua um discurso dissonante, incoerente entre uma edição e outra, que está dividido entre ser moderno/retrógrado, justo/preconceituoso, em prestigiar/despstigiar as mulheres, dar instrução/manter nos limites da ignorância, no entanto, as ideias se coadunam, o dizer não é uma propriedade particular, mesmo quando acreditam ser e/ou estar construindo um diferencial na sociedade, estão expostos ao equívoco da língua, ao já dito e estabelecido na tensão das relações. São os vestígios a serem vistos, deixados num gesto de interpretação dos redatores/autores sujeitos à/na história.

Pêcheux (2009), com base nas leituras de Althusser, entende que “as condições materiais da existência dos homens determinam as formas de sua consciência, sem que as

duas jamais coincidam; ou ainda dizendo que os homens fazem sua história mas não a história que eles querem ou acreditam fazer” (PÊCHEUX, 2009, p. 272), mas a história que é possível, dentro das condições materiais existentes, pois ao mesmo tempo que acreditam poder pensar e agir livremente, estão determinados pela ideologia a não deixar de pensar e agir.

Ao analisar o discurso do século XIX, num processo de interpretação, é necessário considerar o contexto no qual o sujeito está inserido, compreendê-lo dentro daquelas condições de produção: período pós-revolução francesa, numa recente república proclamada, com grande maioria das mulheres brasileiras analfabetas e o comércio e a escravidão de negros em expansão. Para tanto, Orlandi (2008) observa que “explicitar os mecanismos de produção de sentidos inscritos no texto é uma maneira de tornar visível o modo como a exterioridade (sujeito, história) está presente nele, é trabalhar sua historicidade” (ORLANDI, 2008, p.64).

Deste período histórico não há estatísticas precisas sobre educação, apenas alguns recortes com informações já do final do século. Um dos textos encontrados, o de Almeida (1996, p. 73), que traz um estudo a respeito da educação feminina, informava que quase dois terços das mulheres eram analfabetas no final do século XIX<sup>10</sup>, o que nos leva a crer que no começo do século o número era muito maior. Já os dados do INEP (Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), que mapeou o analfabetismo no Brasil de 1900 a 2000, indicam que 65,3% da população com 15 anos, e acima, eram analfabetos em 1900<sup>11</sup>. Por isso, a análise não pode ser anacrônica, não se pode, a partir de um certo lugar, analisar qualquer objeto aquém de seu tempo e de sua história. Um objeto deve ser analisado considerando o tempo do objeto, as condições de produção do *corpus* e seu funcionamento discursivo numa relação de sujeito/língua/história.

O analista/estudioso do discurso faz um recorte na história, assim deve se lembrar de que o “sujeito de linguagem é descentrado, pois é afetado pelo real da língua e pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam” (ORLANDI, 2005, p. 20). Afetam sujeito do discurso e sujeito analista do discurso.

O sujeito analista “não se coloca fora da história, do simbólico ou da ideologia. Ele se coloca em uma posição deslocada que lhe permite contemplar o processo de produção de

---

<sup>10</sup> In: <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/332.pdf>

<sup>11</sup> In: [http://www.publicacoes.inep.gov.br/arquivos/%7B3D805070-D9D0-42DC-97AC-5524E567FC02%7D\\_MAPA%20DO%20ANALFABETISMO%20NO%20BRASIL.pdf](http://www.publicacoes.inep.gov.br/arquivos/%7B3D805070-D9D0-42DC-97AC-5524E567FC02%7D_MAPA%20DO%20ANALFABETISMO%20NO%20BRASIL.pdf)

sentidos em suas condições” (ORLANDI, 2005, p.61). Para além da constituição e da formulação, o analista ainda deve ter em vista a época e os espaços de circulação deste discurso do jornal *O Mentor das Brasileiras*.

Nesta perspectiva, afirmar que *O Mentor das Brasileiras*, no início do século XIX, era preconceituoso, racista, sexista, retrógrado, é não considerar a confluência entre história e ideologia, as condições materiais na produção do discurso. Visto que outros discursos proferidos nesse período produziam esse mesmo olhar no que tange ao papel da mulher na sociedade, inclusive muitas das mulheres mais instruídas, letradas, defendiam o casamento e o lar como obrigações inseparáveis do feminino, inerentes à natureza da mulher.

Além disso, entende-se que “A organização do texto não expressa, dessa perspectiva teórica, concepções de mundo mas dá indícios de como o autor pratica significações” (ORLANDI, 2008, p.12-13). Por outro lado, o analista do discurso deve trabalhar os sentidos na história, questionando as maneiras de ler (a partir da teoria da AD), ou seja, parte-se de diferentes posições-sujeito, enunciador da pesquisa, enunciador do jornal, bem como no que se referem ao objeto enunciado, as mulheres (as poucas mulheres que estudaram, as letradas, foi para serem boas mães e donas de casa, estas talvez concordassem com o discurso machista sem saber que o era). Furlanetto (2003, p. 95) avalia que da tensão entre uma coisa e seu contrário há um reflexo na FD da qual decorre “sua constante reconfiguração: perdas, substituições, acréscimos, transferências acontecem continuamente nesse espaço; palavras, expressões e enunciados sofrem mudanças.” Assim, nas FDs há reconfiguração constante dos significados das palavras e expressões.

Convém salientar ainda, conforme Orlandi (2008, p. 113), que entre o discurso e o texto há “um espaço difuso, de indecisões, de limites fluidos”, visto que quando não há a “sobreposição perfeita, o ajuste inevitável entre discurso e texto resulta na multiplicidade possível de sentidos, atestando mais uma vez a abertura do simbólico, deixando ver os pontos de subjetivação do indivíduo interpelado em sujeito”.

Com vistas à história da educação brasileira, não se pode esquecer que não apenas este jornal, como muitos outros tiveram este papel pedagógico, inclusive incentivado pelos governos das províncias, num período em que a grande maioria (estima-se que mais de dois terços) estava excluída das poucas escolas. Não obstante, as famílias mais abastadas educavam suas filhas em seus lares, ou se organizavam para construir escolas de educação elementar em suas propriedades.

Por esta razão, considerar *O Mentor das Brasileiras* como inovador, revolucionário, moderno, fundamental na construção da sociedade burguesa pós-proclamação da República, também é não considerar seu papel na história, pois assumiu uma posição conservadora a serviço da aristocracia rural escravocrata brasileira, embora fossem liberais, ou seja, um papel tão simplesmente de doutrinação ideológica que propiciaria domesticação e mais funcionalidade às mulheres. Foram doutrinários na educação política, moral e escolar que conformava a representação do patriotismo feminino que se queria constituir. Em nenhum momento manifestaram interesse em discutir o direito à educação e à profissão, muito menos no que tange à luta pelo sufrágio Universal, questões em ebulição na Europa da época.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O século XIX foi muito expressivo para o sexo feminino no Brasil. As mulheres iniciaram-se no mercado de trabalho em diversas funções e passaram a ocupar parte dos espaços escolares. A imprensa contribuiu para estas ocupações de espaços, com o aparecimento, em 1852, do primeiro jornal feminino (escrito por mulheres) “*O Jornal das Senhoras*”, editado por Joana de Paula Manso, no Rio de Janeiro. Apesar de esse jornal ter sido fundamental para algumas mudanças na visão e representação feminina, enfatizava que o principal papel da mulher era o de “amar e agradar os homens”; retomava o discurso de que a mulher tem o dever inerente de manter a estrutura familiar. Posteriormente, em 07 de setembro de 1873, surgiu em Minas Gerais (depois se mudou para o Rio de Janeiro), o semanário *O Sexo Feminino*, dirigido por Francisca Senhorinha da Motta Diniz. Este estimulava as mulheres a se conscientizar de sua identidade, de seus direitos e a lutar, inclusive, pela abolição da escravatura.

Mas sujeito pela história e pela ideologia, o discurso de *O Mentor das Brasileiras*, anos antes, possuía uma unidade que se impunha enquanto texto, e o objetivo educacional moralizante estava nos limites desta unidade. Não é a ausência do termo mulher que “mostra” a ideologia, mas sim a formulação de sua discursividade. Mesmo havendo o risco dos sentidos de que trata Orlandi (2002, p. 121), em *As formas de silêncio*, pois “não há discurso estanque que os torne de todo ‘controláveis’ nem discurso que garanta uma correspondência estrita aos lugares (posições) em que é produzido”. Embora não estanque, o periódico se imbuía de um

discurso prescritivo-descritivo às mulheres, mostrando pela FD, o lugar que uma mulher deveria ocupar nessa sociedade.

Tomar este discurso em língua portuguesa arcaica como ultrapassado seria desconsiderar a recorrência da memória discursiva tão presente, ainda hoje, nos deveres *inherentes* ao belo sexo: situações em que as pessoas ficam horrorizadas devido ao fato de uma mulher optar por não ter filhos, ou uma mãe não querer amamentar o filho em seu seio, abandonar a família, ou não querer a guarda dos filhos num processo de separação. Quando isso ocorre, percebe-se nos discursos que circulam uma desnaturalização da mulher no não cumprimento dos deveres, (neste funcionamento discursivo há uma negação do que é análogo ao feminino), uma ruptura na representação do que é a essência de um belo sexo, conforme os padrões do jornal que imperativamente solicitava em seu *slogan* que as mulheres se tornassem estimáveis pela sabedoria e pelos costumes.

Esta análise, sob a luz da AD, não possuía uma proposta heurística, apenas um gesto de leitura de um analista de discurso, na tentativa de compreender o funcionamento discursivo de *O Mentor das Brasileiras*, que traz efeitos de sentido variados, dispersos nas possibilidades de interpretação.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J.S. *Mulheres na escola: algumas reflexões sobre o magistério feminino*. Caderno de pesquisa São Paulo, nº 96 p. 71-79, SP: 1996. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/332.pdf> Acesso em: 15 de fev. 2014.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

CÂNDIDO, A. *Literatura e sociedade: Estudos de teoria e história literária*. 8.ed. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 2002.

DAVALLON, J. A imagem, uma arte de memória. in ACHARD. P. et al. *Papel da Memória* Trad. José Horta Nunes. 3ª ed. Campinas, SP: Pontes editores, 2010.

FURLANETTO, M, M., Sujeito Epistêmico e materialidade do discurso: o efeito de singularidade. *Revista Linguagem em (Dis)curso*. v. 3, p. 91-119, Tubarão, SC: Edição especial, 2003.

JINZENJI, Mônica Yumi. *Cultura impressa e educação da mulher no século XIX*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010. 298p.

MARIANI, B. *O PC do B e a imprensa - comunistas no imaginário dos jornais 1922-1989*. Rio de Janeiro: Revan. Campinas: UNICAMP, 1998.

\_\_\_\_\_. Sentidos de subjetividade, imprensa e psicanálise. *Revista Polifonia*, v12, n.1, p.21-45, Cuiabá, MT: EdUFMT, 2006.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/INEP. *Mapa do analfabetismo no Brasil*. s/d.  
Disponível em: [http://www.publicacoes.inep.gov.br/arquivos/%7B3D805070-D9D0-42DC-97AC-5524E567FC02%7D\\_MAPA%20DO%20ANALFABETISMO%20NO%20BRASIL.pdf](http://www.publicacoes.inep.gov.br/arquivos/%7B3D805070-D9D0-42DC-97AC-5524E567FC02%7D_MAPA%20DO%20ANALFABETISMO%20NO%20BRASIL.pdf)  
Acesso em: 15 de fev. de 2014.

ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 5ª edição, Campinas, SP: editora da Unicamp, 2002.

\_\_\_\_\_. *Análise de Discurso: Princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes, 2005.

\_\_\_\_\_. *Interpretação: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas, SP: Pontes editores, 2007.

\_\_\_\_\_. *Discurso e texto: Formulação e circulação dos sentidos*. Campinas, SP: 3ª edição, Pontes editores, 2008.

PECHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. E. P. Orlandi. 4. ed. Campinas, São Paulo: Ed. da UNICAMP, 2009.

\_\_\_\_\_. Papel da Memória. In: ACHARD, P. et al. *Papel da Memória* Trad. José Horta Nunes. 3ª ed. Campinas, SP: Pontes editores, 2010.

PERISSÉ, G. *Palavras e origens*. Disponível em: <http://palavraseorigens.blogspot.com.br/2011/03/mulher-etimologica.html>. Acesso em: 20 de jun. 2014.

SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA. *Revista do arquivo público mineiro*. Ouro Preto, MG. Ano XLIV. Nº 1, janeiro a junho de 2008. Disponível em: [http://www.cultura.mg.gov.br/files/Arquivo\\_publico/rapm6.pdf](http://www.cultura.mg.gov.br/files/Arquivo_publico/rapm6.pdf). Acesso em: 30 de mar. 2013.